



## **O QUE TRAZ BOAS NOVAS (MONSIEUR LAZHAR): O CINEMA COMO LEITURA E O TEXTO COMO UM PRESENTE**

Maria Augusta Martiarena de Oliveira\*

### **RESUMO**

O cinema, tanto como atividade de lazer como incorporado no âmbito da sala de aula, promove reflexões. O presente artigo constitui-se no relato de uma atividade de leitura de um texto visual, ocorrida em uma disciplina de um curso de mestrado profissional, cujos alunos ou já atuam como docentes ou almejam ser. Destaca-se que este artigo refere-se ao estudo da obra cinematográfica utilizada, o filme “O que traz boas novas” e observações acerca de como o mesmo foi utilizado na sala de aula a partir das percepções da docente e do grupo de estudantes. Cinema, enquanto linguagem diferenciada, pode ser uma constante nas práticas educativas. Entende-se que filmes devidamente selecionados e adequados para o público com que trabalhamos atuam como textos e suscitam questionamentos dos mais variados. A abordagem da obra cinematográfica deve ser realizada conforme as características do grupo de discentes e do nível de ensino em que se inserem.

**Palavras-chave:** Cinema; Formação de professores; Leitura de textos visuais.

### **WHO BRINGS GOOD NEWS (MONSIEUR LAZHAR): CINEMA AS READING AND TEXT AS A GIFT**

### **ABSTRACT**

Cinema, both as a leisure activity and as part of the classroom, promotes reflections. This article is the report of an activity of reading a visual text, which took place in a discipline of a professional master's course, whose students either already act as teachers or aspire to be. It is noteworthy that this article refers to the study of the cinematographic work used, the film “What brings good news” and observations about how it was used in the classroom from the perceptions of the teacher and the group of students. cinema, as a differentiated language, can be a constant in educational practices. It is understood that films duly selected and suitable for the public with which we work act as texts and raise questions of the most varied. The approach of the cinematographic work must be carried out according to the characteristics of the group of students and the level of education in which they are inserted.

**Keywords:** Cinema. Teacher training. Reading of visual texts.

---

\* Doutora em Educação. Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – IFRS/Campus Osório, Osório, RS, Brasil. E-mail: martiarena.augusta@gmail.com

## EL QUE TRAE BUENAS NOTICIAS (MONSIEUR LAZHAR): EL CINE COMO LECTURA Y TEXTO COMO UN REGALO

### RESUMEN

El cine, tanto como actividad láser como parte del aula, promueve reflexiones. Este artículo es el informe de una actividad de lectura de un texto visual, que tuvo lugar en una disciplina de un curso de maestría profesional, cuyos estudiantes ya actúan como maestros o aspiran a ser. Es de destacar que este artículo se refiere al estudio del trabajo cinematográfico utilizado, la película “Lo que trae buenas noticias” y las observaciones sobre cómo se utilizó en el aula desde las percepciones del profesor y el grupo de estudiantes. El cine, como lenguaje diferenciado, puede ser una constante en las prácticas educativas. Se entiende que las películas debidamente seleccionadas y adecuadas para el público con el que trabajamos actúan como textos y plantean preguntas de los más variados. El enfoque del trabajo cinematográfico debe llevarse a cabo de acuerdo con las características del grupo de estudiantes y el nivel de educación en el que se encuentran.

**Palabras clave:** Cine. Formación de profesores. Lectura de textos visuales.

### INTRODUÇÃO

A pluralidade da linguagem cinematográfica incrementa as possibilidades de seu trabalho em sala de aula. Conforme Benjamin (2017, p.37): “O cinema caracteriza-se não só pelo modo como o homem se apresenta perante a aparelhagem, mas também pelo modo como, com a ajuda desta, ele representa o mundo circundante”. A obra cinematográfica conjuga emoção, reflexão e sentimentos. Sua relação com o mundo circundante apontado por Benjamin (2017) provoca uma série de sentimentos e questionamentos. Nesse sentido, o presente capítulo refere-se a uma reflexão sobre como uma obra cinematográfica foi, por algumas vezes, utilizada como um meio de suscitar diálogos, questionamentos e experiências entre pós-graduandos na área de Educação e Ensino, tanto em nível de especialização como mestrado.

Nossa vivência acadêmica está frequentemente pautada pelos textos escritos, realmente fundamentais para nossa formação. Entretanto, a possibilidade de realizar a leitura de outras formas textuais enriquece as práticas educativas ao apontar para outras possibilidades. Concorde-se com Savernini (2013, p.12): “O cinema apresenta-se, assim, como um texto sobre o desejo de libertação das amarras físicas do corpo”. Entende-se, então, o cinema como um texto visual e propõe-se a sua leitura em sala de aula.

Justifica-se, então, o título: o cinema como leitura, posto que, aqui, é compreendido como texto. Leitura, também, por ser uma leitura da realidade e da ficção. Logo, a prática a ser relatada refere-se a uma atividade de leitura de um texto visual em um contexto que envolve professora e alunos que são professores ou objetivam tornarem-se.

Tendo-se explicado o porquê de apresentar-se uma compreensão de cinema como texto e como leitura, justifica-se a compreensão de texto como presente. Conforme Larrosa:

O professor – aquele que dá o texto a ler, aquele que dá o texto como um dom, nesse gesto de abrir o livro e de convocar à leitura – é o que remete o texto. O professor seleciona um texto para a lição e, ao abri-lo, o remete. Como um presente, como uma carta (2015, p.140).

Tal excerto do capítulo “Sobre a Lição” do livro “Pedagogia Profana” demonstra todo o cuidado e dedicação de docentes em selecionar seus textos para serem lidos em sala de aula. A obra cinematográfica escolhida para trabalhar com o grupo de discentes foi escolhida pelo tema e pela perspectiva em que a docência e a escola eram abordadas. Foi oferecida como um presente. Assistir ao filme “Senhor Lazhar – O que traz boas novas” constituiu-se, para mim, em uma grande experiência. Trata-se de um filme que me tocou. Segundo Larrosa (2017, p.18): “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. Nesse sentido, objetivei compartilhar uma experiência para aquelas pessoas que estivessem abertas a isso.

**FIGURA 1** – Cartaz de divulgação do filme “Senhor Lazhar, O que traz boas novas”.



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/515240013621904485/>

## O QUE TRAZ BOAS NOVAS E O SABER DA EXPERIÊNCIA

Desde que el ser humano tiene conciencia, ha sentido la necesidad de expresar sus vivencias, sus experiencias o sus sentimientos, y con el tiempo ha ido incorporando nuevas técnicas a esa necesidad humana de expresarse:

desde la oralidad a la escritura, pasando por el arte pictórico o la fotografía, hasta llegar a la expresión tecnológica más sofisticada: la imagen en movimiento. Por eso, el cine representa el compendio de todas las técnicas anteriores como narrador de historias, transmisor de valores o portador de conocimientos susceptibles de ser utilizados con una intención didáctica (MALHEIRO GUTIERREZ, 2017, p.98).

A fluidez e a atração que a linguagem cinematográfica suscita são características que propiciaram a sua inserção no arcabouço de ferramentas, estratégias e meios utilizados por docentes. O impacto dessa arte é tão grande que Benjamin afirma:

O cinema teve como consequência, em todo o âmbito do mundo da percepção visual, e agora também acústica, um aprofundamento semelhante da percepção consciente. O reverso desse fato é que as ações apresentadas por um filme podem ser analisadas com muito mais exatidão e sob muitos mais pontos de vista do que as ações representadas na pintura e no teatro (2017, p.37).

As obras cinematográficas e os inúmeros elementos que a compõe são um campo amplo para estudos e interpretações. Escolhe-se, portanto, um filme que possa incitar questionamentos. Neste caso, escolheu-se a obra denominada “O que traz boas novas” ou “Senhor Lazhar”, dirigida por Philippe Falardeau e lançada em 2011. Trata-se de uma adaptação de uma peça de teatro de Evelyne de la Chenelière. Esse filme franco-canadense é ambientado em uma escola na cidade de Quebec. Em um dia de aula aparentemente comum, um estudante encontra sua professora, Martine Lachance, enforcada em sala de aula. Ao mesmo tempo em que os jovens estudantes encontravam-se traumatizados, a direção da escola tenta atendê-los psicologicamente e encontrar um substituto. Nesse momento, entre em cena BachirLazhar, um professor argelino que assume a turma.

O filme aborda tema anteriormente explorado em diversas obras: a escola e as relações entre docentes e discentes. Souza atenta para as seguintes questões:

Entrelaçando-se com a temática da educação formal nas escolas, duas questões de peso imprimem o selo de inovação ao filme de Falardeau: o drama quebequense do suicídio e aquele vivido por imigrantes, vindos de todos os continentes, principalmente os que almejam ao visto de refugiado político. É neste sentido que “Professor Lazhar” foi tão bem apreciado e avaliado por fazer da escola o cenário de debates sobre problemas humanos tão presentes na contemporaneidade (2017, p.57).

No contexto do filme, destacam-se, notadamente, duas crianças, Alice e Simon. Ambos viram o corpo de sua professora, enforcada em sala de aula. Alice aproxima-se do Professor Lazhar e mostra-se ansiosa por conhecer suas origens e sua cultura. Simon esquiva-se. Sente-se culpado pela morte da professora. Desvela-se uma importante questão na educação canadense: o fato de que docentes não podem tocar nos alunos, por receio

da pedofilia. Ao mesmo tempo em que tal restrição é um cuidado, a mesma é um empecilho para que os sentimentos presentes em sala de aula sejam expostos. Segundo Matela e Silva:

Morte, perdas, dor, infância, injustiças, preconceito... Muitos são os temas que o filme canadense “O que traz boas novas” nos apresenta. Com sensibilidade, delicadeza e originalidade este filme nos convida a fazer uma reflexão sobre nossas vidas e, mais particularmente sobre o universo escolar (2013, p.119).

Humanidade e delicadeza são características presentes nessa obra, ao abordar temas tão delicados. Além de ser indicado e receber inúmeros prêmios, o filme foi objeto de diversos estudos, tendo em vista a pluralidade de temas presentes em sua narrativa. Ao pensar a dor e o espaço escolar, Matela e Silva afirmam:

Ao optar por essa epistemologia asséptica a ciência, modelo de conhecimento outorgado à escola, acaba por desprezar a experiência trágica como possibilidade do aprender que nos permite habitar uma dimensão de nossa existência que não se finda em totalidades universais, antes, nos fragmenta infinitamente, dando origem a processos de singularização (2013, p.119-120).

Tal afirmação encontra-se em consonância com o que diz Larrosa (2017, p.15): “Costuma-se pensar a educação do ponto de vista da relação entre a ciência e a técnica ou, às vezes, do ponto de vista da relação entre teoria e prática”, (LARROSA, 2017, p.15). Esse professor da área da Filosofia da Educação compreende e propõe pensar a educação a partir da ideia de experiência. Nesse sentido, a obra trabalhada trata de uma experiência de dor vivenciada em uma escola, cuja gestão não considera este espaço adequado para conversar sobre tais sentimentos. Em segundo lugar, ao propor, especificamente, esse filme, enquanto docente, vivenciei um importante experiência ao assisti-lo, fui tocada e quis compartilhar essa experiência com os discentes.

Este subtítulo relaciona o título do filme com o saber da experiência. Nesse sentido, tal conceito, se assim o posso denominar, possui um papel fundamental. Logo, é importante fazer algumas diferenciações. Segundo Larrosa (2017, p.18): “A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência”, (LARROSA, 2017, p.18). E segue: “A primeira coisa que gostaria de dizer sobre a experiência é que é necessário separá-la da informação”, (LARROSA, 2017, p.19). Assim, concorda-se com Larrosa quando o mesmo propõe que experiência é deixar ser tocado por algo. Uma vivência escolar/acadêmica nem sempre tão quantitativa pode propiciar uma aprendizagem pautada na experiência.

Retomando-se a pluralidade de temáticas presentes no filme, Matela e Silva destacam a questão do convívio de múltiplas culturas:

Na cena do primeiro dia de aula de Lazhar esta questão já se apresenta. Uma aluna, Alice pergunta ao professor qual o significado do seu nome. No que ele responde: “O que traz boas novas”. Ainda nesta cena, ao fazer a chamada, o professor recém chegado, pergunta e comenta os sobrenomes dos alunos, revelando as origens de cada estudante, suas diferenças culturais e seus preconceitos (2013, p.121).

Souza (2017, p.57) atém-se, no mesmo tema, ao afirmar que: “Em ‘Professor Lazhar’, podemos identificar imediatamente dois mundos”. A autora aponta tanto para as fronteiras pedagógicas como para as culturais. As fronteiras pedagógicas, porque Lazhar apresenta métodos considerados antiquados, como o ordenamento das classes em filas, a seleção de textos inadequados para a idade dos alunos e a utilização de nomenclaturas que não mais são utilizadas. Uma fronteira cultural porque se trata de um estrangeiro, um argelino que busca refúgio no Canadá. A esse tema, dedica-se Teixeira que afirma:

A presença do Outro nas narrativas literárias quebequenses traduz um sintoma da sociedade canadense-francesa, que já há algum tempo se debatia entre a conservação de sua herança colonial francesa e sua crescente abertura às novas influências culturais (escoceses, ingleses, irlandeses, ameríndios etc.), antes deixadas à margem de seu repertório cultural (2014, p.22).

Estrangeiro é o professor, mas também vários alunos ou seus ancestrais. A questão da multiculturalidade e das fronteiras culturais perpassam várias cenas. A mediação cultural acontece, principalmente, na relação de Bachir com sua aluna Alice:

A cultura, e especialmente a linguagem, é algo que faz com que o mundo esteja aberto para nós. Mas quando uma forma converte-se em fórmula, em bordão, em rotina, então o mundo se torna fechado e falsificado. Porque, às vezes, nos livros, ou nos filmes ou, até mesmo, na paisagem, há tantos bordões que nada está aberto. Nenhuma possibilidade de experiência. Tudo parece de tal modo que está despojado de mistério, despojado de realidade, despojado de vida (LARROSA, 2015, p.49).

A partir de nossa formação cultural e de nossa linguagem, mostramo-nos receptivos ou fechados para novas experiências. Diferentes formas de relação com a diversidade estão colocadas no filme, mas, na mediação cultural que se desenrola a partir de Alice, Souza relata-nos que:

Em um certo momento, Alice traz para Bachir um livro de Jack Jondon, da rubrica literatura para juventude, dizendo-lhe o quanto seria produtivo fazer o ditado a partir de um texto mais adequado ao nível das crianças (11-12 anos).

Assiste-se então a uma troca cultural em que a aluna mostra ao mestre como proceder naquele ambiente escolar pertencente à semiosfera quebequense que ele ainda não domina (2017, p.58).

Múltiplas são as possibilidades de análises, desde a constituição dos espaços, a organização escolar, a relação entre os pais e a escola, a relação entre alunos e professores, construções e concepções culturais. Para Matela e Silva:

Entre medos, conflitos e preconceitos, memórias surgem, costurando feridas e amenizando culpas, inseguranças e incertezas, aprendizagens que nem sempre estão presentes nos currículos escolares, mas que nos ensinam que pensar é muito mais do que memorizar conteúdos preconcebidos (2013, p.121).

## **PROFESSORES CONSTITUINDO-SE E A EXPERIÊNCIA CINEMATOGRAFICA**

A docência, o fazer-se docente, é uma trajetória. Sobre a formação, Larrosa compreende:

A formação é uma viagem aberta, uma viagem que não pode estar antecipada, e uma viagem interior, uma viagem na qual alguém se deixa influenciar a si próprio, se deixa seduzir e solicitar por quem vai ao seu encontro, e na qual a questão é esse próprio alguém, a constituição desse próprio alguém, e a prova e desestabilização e eventual transformação desse próprio alguém. Por isso, a experiência formativa, da mesma maneira que a experiência estética, é uma chamada que não é transitiva. E, justamente por isso, não suporta o imperativo, não pode nunca intimidar, não pode pretender dominar aquele que aprende, capturá-lo, apoderar-se dele (2015, p.53).

Ao trabalhar com professores ou com pessoas que desejam atuar na docência, procuro utilizar tanto textos, como filmes de forma a impulsionar questionamentos. Até o presente momento, a atividade com o filme “Senhor Lazhar” foi realizada com estudantes de especialização e de mestrado, como já mencionado, mas caberia bem em uma licenciatura. Minha atuação como docente foi mediar e incitar os questionamentos. Em uma atividade com estudantes da educação básica, certamente traria uma proposta organizada com base em pontos, estruturada, para orientação dos debates que se seguem à exposição da obra. Entretanto, ao trabalhar com graduados, optei por deixá-los livres para dialogar e propor temas.

A atividade foi iniciada com a leitura de um trecho do livro “Pedagogia Profana”, o qual incita ao questionamento:

No ler a lição, não se buscam respostas. O que se busca é a pergunta à qual os textos respondem. Ou melhor, a pergunta que os textos abrigam no seu interior, ao tentar respondê-la: a pergunta pela qual os textos se fazem responsáveis.

Por isso, a única resposta que se pode buscar na leitura é a responsabilidade pela pergunta, (LARROSA, 2015, p.142).

Os grupos de discentes, enquanto expectadores de uma obra audiovisual, podem ou não estarem abertos para vivenciar a experiência que propus. Conforme Larrosa:

O sujeito da experiência é um sujeito “ex-posto”. Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a “oposição” (nossa maneira de expormos), nem a “imposição” (nossa maneira de impormos), nem a proposição (nossa maneira de propormos), mas a “ex-posição”, nossa maneira de “ex-pormos”, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco, (2017, p.26).

Esta abertura para o filme, esse deixar tocar-se é fundamental para que assistir a um filme não se configure em apenas mais uma informação ou a assistência de mais um filme a ser esquecido. Para Larrosa:

Em qualquer caso, seja como território de passagem, seja como lugar de chegada ou como espaço do acontecer, o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura (2017, p.25 e 26).

Dessa abertura que o autor nos menciona, surge a possibilidade de experiência que considera: “O saber da experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana. De fato, a experiência é uma espécie de mediação entre ambos”, (LARROSA, 2017, p.30). Tendo em vista a estreita relação mencionada pelo autor, encontra-se em “Senhor Lazhar” um filme humano, sensível.

Como anteriormente mencionado, ao trabalhar com graduados, optei por colocar-me na posição de mediadora, sem indicar temas a serem abordados. Nesse sentido, finalizada a obra cinematográfica, costumeiramente questiono aos grupos sobre quais suas sensações sobre o filme. A interpretação da obra cinematográfica é múltipla, assim como a interpretação de um texto:

Porque se a face exterior do texto é uma – a que poderíamos denominar “o dito do texto”, aquela que contém seu significado dado, fixado, literal, mais ou menos transparente e idealmente homogêneo para todos os leitores –, sua face interior é necessariamente múltipla, (LARROSA, 2015, p.141).

E da face interior do filme, múltipla, emergiram múltiplas sensações. Alguns grupos focaram-se em temas mais formais, tais como organização espacial da sala e sua representatividade nas questões pedagógicas; o cuidado com a pedofilia e a proibição do contato físico entre mestres e alunos; estratégias pedagógicas e ferramentas didáticas,



a significação de conservador e de progressista em educação. Outros estudantes ativeram-se a questões relacionadas ao ambiente multicultural, à imigração e à sociedade daí constituída. Inclusive, a questão da pluralidade cultural foi percebida em sua interferência nas concepções de cada um dos sujeitos. Destacou-se, também, a relação entre a família e a escola, a forma como os pais são retratados em sua convivência com docentes e gestores.

A parte de todos os temas, os quais fazem parte do cotidiano escolar em esfera global, assunto presente nos debates sobre o filme, é a questão do sentimento e das emoções em âmbito escolar. Estudantes mencionaram tanto a questão do tabu em abordar o tema da morte e a dor, presentes na separação em que a escola promoveu entre psicologia e pedagogia, impedindo o docente substituto de estar presente durante os momentos de terapia, como a compreensão do afeto como elemento importante na relação entre professores e alunos, notadamente no que tange à abertura dos mesmos em tratar de temas pessoais. Os discentes destacaram o desenrolar da relação entre professor e alunos quando estes começam a expor suas emoções e como o mestre o fará, ainda que por meio de uma fábula (Fábula “A Árvore e a Crisálida”), a qual lê para os estudantes no último dia em que ministra aula.

### **AFETO, SENTIMENTOS, ESPAÇOS, PRÁTICAS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

Conforme mencionado anteriormente, concorda-se com Benjamin (2017) quando este afirma que a análise das ações apresentadas por um filme pode ser realizada com mais exatidão e sob uma gama maior de perspectivas do que as representadas na pintura e no teatro. O cinema, enquanto linguagem diferenciada, pode ser uma constante nas práticas educativas. Filmes devidamente selecionados e adequados para o público com que trabalhamos atuam como textos e suscitam questionamentos dos mais variados. A abordagem da obra cinematográfica deve ser realizada conforme as características do grupo de discentes, da formação que buscam, do nível de ensino em que se inserem.

A atividade aqui relatada foi realizada em cursos nos quais os professores encontram-se em formação, logo, fiz a opção por atuar como mediadora e deixar o diálogo completamente livre ao final da exposição. Como já mencionado, uma série de temas do cotidiano escolar insurge entre os discentes. Ressalta-se que parte dos mesmos já atuava em sala de aula; outros realizaram suas colocações a partir de suas experiências como discentes. O filme, oferecido como um presente, chega ao grupo de discentes e dele emerge afeto, como o emocionante abraço entre Alice e Bachir.

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Estética e sociologia da arte**; edição e tradução João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana**: danças, piruetas e mascaradas; tradução de Alfredo Veiga Neto. 5ed.; 2reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

\_\_\_\_\_. **Tremores**: escritos sobre experiência; tradução Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. 1ed.; 3reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. (Coleção Educação: Experiência e Sentido).

MALHEIRO GUTIÉRREZ, Xosé M. De cine, profesores y escuelas. Una propuesta multicultural sobre la exclusión social. **RIDPHE\_R Revista Iberoamericana do Patrimônio Histórico-Educativo**, Campinas, v. 3, n. 1, p. 97-121, jul. 2017. ISSN 2447-746X. Disponível em: <<http://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/ridphe/article/view/9280/4704>>. Acesso em: 07 jun. 2018. doi: [https://doi.org/10.20888/ridphe\\_r.v3i1.9280](https://doi.org/10.20888/ridphe_r.v3i1.9280).

MATELA, Rose Clair Pochain; SILVA, Dagmar de Mello e. MEMÓRIA E DOR NO PROCESSO DE REINVENÇÃO DE ESTUDANTES E PROFESSOR. **RevistAleph**, [S.l.], n. 20, dec. 2013. ISSN 18076211. Disponível em: <<http://revistaleph.uff.br/index.php/REVISTALEPH/article/view/63/57>>. Acesso em: 07 jun./2018.

OUBIÑA, David. Celebração da revolta: a poesia selvagem de Jean Vigo. In: LARROSA, Jorge (org.). **Elogio da Escola** – 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. (Coleção Educação: Experiência e Sentido).

TEIXEIRA, Eloá Catarine Pinto. A FIGURA DO IMIGRANTE NO FILME M. LAZHAR: UMA TRADUÇÃO DO MITO DO ESTRANGEIRO. **Revista Letras Raras**, [S.l.], v. 3, n. 2, p. 20-34, fev. 2015. ISSN 2317-2347. Disponível em: <<http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/RLR/article/view/306/240>>. Acesso em: 07 jun./2018.